

VIDAS QUE INSPIRAM ESPERANÇA

Coretta e Martin Luther King: o sonho que não morreu

Fernando Ascenso*

fascenso@netcabo.pt

Coretta Scott King, activista e líder de direitos humanos, viúva do célebre pastor evangélico baptista americano Martin Luther King Jr., morreu a 31 de Janeiro de 2006. Tinha 78 anos.

Coretta sacrificou a sua carreira como cantora lírica e a privacidade da sua vida familiar para ombrear com seu marido, a partir de 1955, na liderança da luta pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos.

Nascida em Heiberger, Alabama, em 1927, Coretta formou-se no Conservatório de Boston em voz e violino. Foi aqui que conheceu Martin Luther King Jr., na altura a fazer o seu doutoramento em teologia. Casaram em 18 de Junho de 1953. O casal teve quatro filhos aos quais Coretta se dedicou paralelamente ao seu envolvimento na causa de direitos civis.

Coretta concebeu e dirigiu os Concertos da Liberdade, um modelo de concertos combinando música e declamação de prosa e poesia, visando a promoção dos direitos civis. Em 1959 o casal viveu cerca de um mês na Índia, estudando a obra de Gandhi, o que influenciaria o seu conceito de resistência pacífica.

Quando no apogeu da carreira do casal, o marido foi assassinado em 1968, Coretta honrou a sua memória prosseguindo na luta pela mudança social sem violência, nomeadamente através do *Martin Luther King Center for Nonviolent Social Change* (Centro Martin Luther King para a Mudança Social Não Violenta). Fundado em 1968, o Centro recebe anualmente mais de 650.000 visitantes (www.thekingcenter.org). Como presidente fundadora dedicou 27 anos (de 1968 a 1995) à promoção de programas locais e internacionais de formação na filosofia e métodos não violentos de King. Lutou 15 anos, com seis milhões de petições apresentadas ao Congresso, pela criação do Dia de Martin Luther King Jr., um feriado que viria a ser estabelecido a partir de 1986, observado na terceira segunda-feira de Janeiro.

Coretta liderou várias missões internacionais de boa vontade e iniciativas históricas em defesa dos direitos humanos como o *Full Employment Action Council* (coligação de mais de 100 organizações de mulheres para a promoção da igualdade de oportunidades económicas) e a *Coalition of Conscience* (800 organizações de direitos humanos, por altura do vigésimo e do vigésimo quinto aniversários da Marcha sobre Washington).

Em 1985 Coretta e três dos seus filhos foram detidos na embaixada da África do Sul, em Washington, ao protestarem contra o *apartheid*.

Dois dias depois do marido ser assassinado, Coretta afirmou na Ebenezer Baptist Church: “*O meu marido encarava a possibilidade de ser morto sem amargura ou ódio. Ele sabia que esta é uma sociedade doente, totalmente infestada com racismo e violência...Ele nunca odiou. Ele nunca perdeu a esperança de fazer o bem. Ele encorajou-nos a fazer o mesmo e preparou-nos para a tragédia... A nossa preocupação agora é que esta obra não morra*”¹. Um dia antes do funeral, com os seus três filhos mais velhos, Coretta liderando milhares de pessoas numa marcha de protesto, em Memphis, onde o seu marido planeava estar, afirmou: “*Vejam, o seu espírito nunca morre.*”²

Uma das mais influentes mulheres afro-americanas, Coretta recebeu doutoramentos *honoris causa* de mais de 60 universidades, foi autora de três livros, ajudou a fundar dezenas de organizações. Foi uma mulher de sabedoria, compaixão e

visão. Investiu toda a sua vida para tornar o nosso mundo melhor. Nas palavras de Shelley Henderson, “*uma frase sua, motivar-nos-ia por dez ou vinte anos*”³.

Quem Foi Martin Luther King Jr.

Martin Luther King Jr. nasceu em 1929, em Atlanta, Georgia. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Boston, em 1955. Foi pastor da Dexter Avenue Baptist Church, em Montgomery, Alabama e co-pastor com o seu pai na Ebenezer Baptist Church, Atlanta.

Tornou-se conhecido pela sua liderança do movimento por direitos iguais para os negros através de manifestações de massas não violentas, do qual o boicote nos autocarros em Montgomery, em 1956, foi um episódio inicial. Fundou a *Southern Christian Leadership Conference*, uma organização com o propósito de lutar pela igualdade de direitos e a integração do povo negro na vida americana, através de métodos não violentos.

Na sua obra “*Leading Minds*”, o psicólogo Howard Gardner, conhecido pela sua teoria das inteligências múltiplas, áreas de mestria mental independentes, traça a biografia de vários líderes do século XX, concentrando-se no papel da mente humana na liderança. Na secção dedicada a Luther King, Gardner entende que a sua filosofia de luta por mudança social sem violência se baseava essencialmente (1) no seu “*Cristianismo fundamental... identificando-se profundamente com a tradição Cristã, as histórias do Velho e do Novo Testamentos e particularmente com Cristo*”,⁴ (2) na sua vivência na igreja (de negros, em particular), (3) no exemplo de Gandhi (aplicando ao relacionamento de grupos os princípios pacíficos que Cristo aplicou nos relacionamentos humanos) e (4) nos ideais de liberdade dos fundadores da América. E Gardner adianta: “*Tal como um mestre artista... King era capaz de assumir e integrar estes elementos em múltiplas formas apropriadas a uma dada situação, formas que envolviam e activavam os que testemunhavam o que dizia... Ele sabia introduzir um tema numa perspectiva cristã e depois refractá-lo na história americana ou em eventos contemporâneos, conforme o mais apropriado*”.⁵

King liderou a Marcha sobre Washington, em 28 de Agosto de 1963, com 250.000 participantes (um quinto dos quais brancos), pressionando o Congresso e o Presidente dos Estados Unidos à publicação de legislação sobre o direito de voto, fim da segregação nos edifícios públicos, no Governo, no emprego e em outras matérias de direitos civis. Num dos seus momentos públicos de maior impacto, e um marco na história da luta pelos direitos civis, King proferiu aqui o seu célebre discurso “*I Have a Dream...*”. O Presidente John F. Kennedy prometera esta legislação no seu discurso de 11 de Junho de 1963. Em 22 de Novembro Kennedy seria assassinado. O novo Presidente, Lyndon Johnson, assinou a lei, o *Civil Rights Act*, em 2 de Julho de 1964.

King recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1964. No seu discurso de aceitação do prémio declarou: “*... Acredito que a justiça que, ferida, jaz prostrada nas ruas ensanguentadas das nossas nações, pode ser erguida dessa poeira de vergonha e reinar suprema entre os filhos dos homens. Tenho a ousadia de acreditar que os povos de todo o mundo podem ter três refeições por dia para alimentar o corpo, educação e cultura para alimentar a mente e dignidade, igualdade e liberdade para alimentar o espírito. Acredito que os homens altruístas podem reconstruir aquilo que os egoístas destruíram. Continuo a acreditar que um dia a humanidade se irá curvar diante dos altares de Deus e receber a coroa do triunfo sobre a guerra e o derramamento de sangue, e que a boa vontade animada pela não violência redentora irá ditar a sua lei sobre a terra. Continuo a acreditar que nós triunfaremos. Esta fé pode dar-nos coragem para enfrentar as incertezas do futuro. Pode dar aos nossos pés cansados novas forças para prosseguirmos a caminhada para a Cidade da Liberdade...*”⁶

A 3 de Abril de 1968, King deixava Atlanta, em viagem para Memphis. À noite, em Memphis, declarou: “*Pois bem, não sei o que vai acontecer agora. Temos pela*

frente dias difíceis. Mas isso para mim já não tem importância, porque já cheguei ao cume da montanha.... Só quero fazer a vontade de Deus. E Ele permitiu-me subir ao cume da montanha. E eu olhei de lá de cima e vi a terra prometida. Pode ser que não a alcance convosco. Mas quero que saibais esta noite que o nosso povo há-de alcançar a terra prometida. E eu estou feliz, esta noite. Não estou preocupado com nada. Não estou com medo de ninguém. Os meus olhos viram a glória da chegada do Senhor... Desde que possa ajudar alguém por quem passo, desde que possa animar alguém com uma palavra ou com um cântico, desde que possa mostrar a alguém o caminho que deve seguir, a minha vida não terá sido em vão. Desde que possa cumprir o meu dever de cristão, desde que possa dizer ao mundo a salvação, desde que possa espalhar a mensagem que o meu mestre me ensinou como lição, a minha vida não terá sido em vão.”⁷

No dia seguinte, foi assassinado.

Nas palavras de Philip Yancey, o verdadeiro objectivo, como King costumava dizer, não era derrotar o homem branco, mas “*despertar um sentido de culpa dentro do opressor e desafiar o seu falso sentido de superioridade... o objectivo é a reconciliação, o objectivo é a redenção, o objectivo é a criação da comunidade de amor.*”⁸

Lawrence Kohlberg, na sua teoria de desenvolvimento moral, propõe Luther King como um exemplo de moral pós-convencional, o nível mais alto de estágio de raciocínio moral, segundo a teoria, caracterizado por princípios universais de justiça, da dignidade dos seres humanos e da reciprocidade e igualdade de direitos humanos. Nas palavras de Gardner, “*King era corajoso... Felizmente, as falhas pessoais não parecem ter chocado ou inibido a sua ampla agenda social e política. Ele continuou a incorporar a matriz central da sua história*”.⁹ O “gigante moral” de Kohlberg foi um estudante, um marido, um pai, um líder. Foi um homem.

Clayborne Carson, professor de História, na Universidade de Stanford, a pedido da família, trabalhou o espólio documental de King. Deste trabalho resultou a sua autobiografia, “*Eu tenho um Sonho*”. Em Portugal, a obra é editada pela Editorial Bizâncio, Lisboa.

Extractos do Discurso “I Have a Dream...”

“... Eu tenho um sonho de que um dia sobre as montanhas vermelhas da Geórgia os filhos dos ex-escravos e os filhos dos ex-donos de escravos possam sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

Eu tenho um sonho de que um dia mesmo o estado do Mississippi, um estado sufocante com o calor da injustiça... e opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça.

Eu tenho um sonho que os meus quatro filhos haverão um dia de viver numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele mas pelo conteúdo do seu carácter...

Eu tenho um sonho de que um dia em Alabama, com o seus racistas violentos... os meninos negros e as meninas negras poderão dar as mãos aos meninos brancos e às meninas brancas como irmãs e irmãos...

... Com esta fé nós poderemos transformar as estridentes discórdias da nossa nação numa sinfonia de fraternidade. Com esta fé poderemos trabalhar juntos, orar juntos, lutar juntos, ser presos juntos, levantarmo-nos juntos pela liberdade, sabendo que um dia haveremos de ser livres.

... Que a liberdade se oiça. E quando isso acontecer, e quando deixarmos que se oiça a liberdade – quando deixarmos que ela soe em cada aldeia e em cada lugar, de cada estado e de cada cidade, poderemos antecipar aquele dia em que todos os filhos de Deus – negros e brancos, Judeus e Gentios, Protestantes e Católicos – poderão juntar as mãos e cantar as palavras do velho Espiritual Negro: “Finalmente livres! Finalmente livres!”

Graças a Deus Todo Poderoso, nós somos finalmente livres!” (Free at last! Free at last! Thank God Almighty, we are free at last!)

In “I Have a Dream”, citado de Douglass Archives of American Public Address (<http://douglass.speech.nwu.edu>), edição de D. Oetting (<http://nonce.com/oetting>).

* Professor, Queluz, Portugal

¹ Yvonne S. Lamb, *A Full Partner in the Dream*, www.washingtonpost.com, Fev. 1, 2006, p. 2.

² Op. cit., p. 2

³ Adelle M. Banks, *Coretta King, a Woman of Faith and Devotion, Dies at 78*, www.christianitytoday.com, Fev. 1, 2006.

⁴ Howard Gardner, *Leading Minds*, London: Harper Collins, 1997, p. 209.

⁵ Op. cit., p. 209.

⁶ Clayborne Carson (org.), *Eu Tenho um Sonho – A Autobiografia de Martin Luther King*, Lisboa: Bizâncio, 2003, p. 286.

⁷ Op. cit., pp. 398, 399.

⁸ Yancey Philip, *Confessions of a Racist*, www.christianitytoday.com, Jan. 17, 2006

⁹ Op. cit., pp. 219, 220.